



01. Identificação

Projeto: As bruxas no cinema: representações imagéticas de gênero e subversão; **Bolsista:** Uriel da Roz Trevisan (R.A.: 206387); **Orientador:** Prof. Dr. Christiano Key Tambascia; **Local:** Instituto de filosofia e ciências humanas – UNICAMP (Campinas – SP); **Vigência:** Ago. 2019/ set. 2020.

02. Introdução

Buscarei sintetizar no presente texto, de maneira resumida, os resultados obtidos no âmbito da pesquisa que realizei entre 2019 e 2020 como bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); tais resultados estão mais densamente analisados no relatório final produzido, no qual esse texto se baseia. Tal investigação intitula-se “**As bruxas no cinema: representações imagéticas de gênero e subversão**” e tinha como propósito compreender as formas através das quais certos discursos sociais de gênero cristalizam-se no cinema hollywoodiano através da personagem da bruxa – utilizando-se para tal de um repertório simbólico já muito conhecido por certas vertentes da história cultural e da antropologia, e que remete, em grande medida, ao contexto europeu de finais do século XV até o século XVII.

A bruxaria não constitui, por assim dizer, uma novidade enquanto objeto de interesse da antropologia. Muito pelo contrário, textos clássicos da disciplina demonstram que o conceito de magia, ou a crença e a utilização social desta, é um elemento importante para compreendermos a vida social simbolicamente mediada. E se levarmos em conta os trabalhos da antropóloga francesa Jeanne Favret-Saada (2005), notaremos que as feiticeiras¹, os

feitços, etc., não dizem respeito exclusivamente a locais distantes espacial e temporalmente. Não, este fenômeno também faz parte da nossa socialização no contexto ocidental mais contemporâneo; também tem coisas a dizer sobre como nós pensamos e organizamos a nossa realidade.

É possível encontrar um exemplo desta relevância a qual me refiro em um caso ocorrido na Baixada Santista, em São Paulo, em 2014. Fabiane de Jesus, uma mãe e dona de casa, foi linchada em praça pública vítima de um boato que circulara na internet. Em páginas do Facebook da cidade, os moradores especulavam sobre uma suposta mulher que estava sequestrando crianças para sacrificá-las e realizar rituais de magia negra – esta que ficou conhecida como “A bruxa do Guarujá”². Fabiane fora confundida com esta personagem sinistra e morta pelos cidadãos que buscaram fazer justiça com as próprias mãos. Ou seja, os elementos simbólicos que tornaram possível que uma mulher, em 2014, fosse confundida com uma bruxa não ficam presos ao plano da representação cinematográfica, dos livros de história ou dos contos infantis; eles articulam sentimentos e dão sentidos à ações que dizem respeito ao plano concreto. É por isso que torna-se importante compreender como constituem-se, na grande mídia, os discursos sociais de gênero que associam-se com esta personagem mágica; para sermos capazes de atribuir sentido a eventos, como esse que mencionei, quando eles ocorrem.

03. Metodologia

Para empreender nesta investigação, precisei realizar um duplo movimento:

- a) Em primeiro lugar, elaborei uma lista com 27 filmes cujas temáticas dessem centralidade

¹ Não me atentarei aqui à distinção clássica da antropologia entre “bruxas” e “feiticeiras”, por não ter verificado esta díade operando na prática no contexto investigado. Usarei, portanto, “bruxas” e “feiticeiras”, e seus correlatos “bruxaria” e “feiticaria”, como sinônimos e de maneira

intercambiável apenas para evitar repetições e tornar o texto mais fluido.

² Fonte da notícia: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em 03/08/2020.



para a figura da bruxa. Esta seleção baseou-se em critérios como a relevância do filme para a história do cinema³ e a popularidade dele frente ao público. Além destes critérios, considere, também, uma lista de indicações feitas pelo site Internet Movie Database (IMDb) – um dos maiores sites sobre cinema do mundo⁴;

- b) Em um segundo momento, compararei entre si os elementos simbólicos encontrados nos filmes, de maneira sincrônica, na intenção de realizar uma análise estrutural; isto é, buscar compreender como a associação desses elementos combinavam-se no interior das narrativas para constituir um discurso sobre a bruxaria que não se restringia aos longas ali estudados, mas que compunham uma imagem maior. Incorri em uma análise, portanto, muito inspirada naquela realizada pelo historiador Robert Darnton em seu livro *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (2011).

Ao assistir aos filmes, detectei elementos simbólicos transversais que remontavam diretamente à literatura histórica e antropológica sobre a bruxaria. Inspirei-me, particularmente, para identificar estes elementos estruturantes das narrativas cinematográficas, nas análises feitas pelo historiador Charles Zika (2007) sobretudo quando este investiga a produção de um repertório visual associado à bruxaria no contexto europeu, principalmente, do século XVI.

Feito isso, notei que as formas como os filmes representam as bruxas, os temas e símbolos mobilizados, agrupavam-se, de

maneira geral, em torno de quatro eixos principais: a bruxaria clássica; a bruxaria (neo)pagã; os filmes sem tradições específicas; e os de tradições não-europeias – e faziam isto seguindo essa proporção:

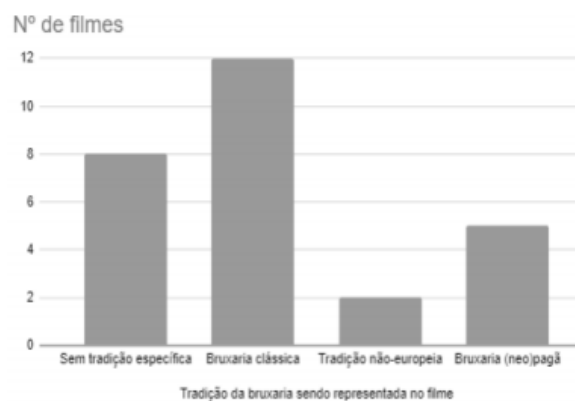


Gráfico 01: número de filmes segundo a tradição sendo representada – tabela de minha autoria.

Foquei minha análise no grupo da bruxaria clássica, pois, além de contar com o maior número de exemplares fílmicos, foi o que mais abriu possibilidades analíticas em matéria de discursos de gênero – dos quais buscarei expor os principais a seguir.

04. Resultados⁵

Foram muitos os elementos simbólicos encontrados que são mobilizados para conformar representações da bruxaria no contexto do cinema hollywoodiano. O que ficou claro, é o recorte de gênero que pauta essas narrativas visuais – reforçando associações temáticas da feitiçaria com questões como sexualidade, maternidade, dentre outras. Trabalharei aqui, por limitações de espaço, apenas dois deles de maneira breve.

Inversão do papel simbólico da mãe: A relação das bruxas com as figuras

³ Importância esta destacada por autores que já trabalharam a temática.

⁴ A lista está disponível através do link: <https://www.imdb.com/list/ls093833114/?ref=rls>. Acesso em 30/01/2020.

⁵ O texto que se segue neste quarto item foi elaborado a partir das discussões que fiz em meu relatório final entregue ao CNPq em setembro de 2020. Lá encontra-se uma versão mais detalhada das discussões que estão aqui endereçadas.



das crianças é complexa. Se por um lado as feiticeiras “[...] levam ao sabá, para diferentes finalidades, crianças que raptam” (DE PLANCY, 2019, p.762) ou dirigem-se a esses encontros “untados com gordura de crianças [...]” (idem); por outro, é possível que elas mesmas associem-se a demônios para darem a luz à uma criança.

Este elemento simbólico que o cinema recupera e que aparece através das figuras das crianças, associa intrinsecamente as bruxas ao tema da inversão de significados culturais da mulher e da maternidade, do cuidado, etc., algo comum na história social da bruxaria.

Nos filmes que se enquadram na categoria de representações clássicas, as crianças aparecem, principalmente, sob dois aspectos distintos: ora como correndo perigo, sendo perseguidas e mortas pelas feiticeiras, e ora como fruto gerado a partir da comunhão destas com o diabo. Neste segundo cenário vislumbramos uma discussão cara para os fundamentos teológicos da história da bruxaria – tendo o próprio *Malleus maleficarum* dedicado ao assunto uma questão inteira⁶. Ali nos é dito que os demônios utilizam-se de artifícios ligados aos atos sexuais para cumprir seus objetivos de corromper a humanidade (tanto em corpo, quanto em alma), afinal, “é através da lascívia da carne que exercem seu poder sobre os homens [...]” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 82); e dessas relações, seria sim possível que crianças fossem concebidas.

Esta problemática já foi abordada por clássicos consagrados do cinema, tal como *Rosemary's baby* (Direção de Roman Polanski, 1968), ou por produções mais recentes e menos conhecidas pelo público, como *The lords of Salem* (Direção de Rob Zombie, 2012), em que ambas as narrativas giram em torno de um coven de bruxas que querem usar uma mulher como aquela que trará o filho do diabo para o

mundo, oferecendo-as em sacrifícios consumados por atos sexuais com a entidade demoníaca. O que parece estar em jogo, nestas representações, é uma inversão do papel simbólico da mãe: há uma espécie de perversão do ato criativo de dar a luz; antes de se tratar de um “milagre do nascimento”, as bruxas profanariam o ato de gerar uma vida.



Figura 1: Rosemary (personagem de Mia Farrow) descobre a natureza maligna de seu filho.

No segundo aspecto, aquele em que as bruxas perseguem e matam crianças, ela assume um papel mãe-mulher-filicida. Isso quer dizer que, ao cometer o assassinato de uma criança, as bruxas atentam justamente contra um arquétipo de pureza, inocência, e contra a possibilidade de continuidade da comunidade no tempo – ela ameaça a existência futura do corpo social. As feiticeiras aparecem como uma inversão e uma deturpação da figura idealizada que foi imposta às mulheres ao longo dos tempos: a mãe e a reprodutora de vida. Esta é uma característica importante que podemos encontrar na representação da bruxaria no cinema, vide o número de exemplares que repetem a esta temática: *The witches* (direção de Nicolas Roeg, 1990); *Hocus Pocus* (direção de Kenny Ortega, 1993), *The witch* (direção de Robert Eggers, 2015); dentre outros. Todos estes filmes nos apresentam bruxas que perseguem crianças para roubar-lhes a juventude, ou apenas para fazer-lhes mal – são as mulheres que fogem dos papéis de mães e cuidadoras, e invertem os sentidos sociais “tradicionais” do ser mulher. Há

⁶ Ver *Questão III: se crianças podem ser geradas por Incubus e Súcubus* (KRAMMER; SPRENGER, 1991).



uma disciplinarização das fronteiras simbólicas e sociais que devem ser mantidas, justamente pela narrativa moral do perigo de sua dissolução.



Figura 2: cena de Hocus Pocus em que as irmãs Sanderson roubam a vida de Emily (personagem de Amanda Shepherd) para restaurar sua juventude.

A sexualidade das bruxas: Esta inversão do papel simbólico feminino se constrói a partir de um tema que é absolutamente central para compreendermos a bruxaria, seja ela em sua dimensão histórico-social ou nas representações cinematográficas que venho abordando: a sexualidade feminina. Para compreender a importância desta dimensão nas narrativas cinematográficas modernas da bruxaria, antes de mais nada, é preciso enfatizar que a associação das bruxas com a sexualidade é um dos elementos centrais do processo inquisitorial que tomou lugar em algumas regiões da Europa no princípio da Era Moderna. O grande argumento da obra *Malleus maleficarum* é que o poder do diabo é mais forte na esfera sexual, como dito acima. As bruxas são definidas, no manual dos inquisidores, como aquelas que entregam-se à toda sorte de prazeres da luxúria, que atendem aos encontros do Sabá, onde praticariam grandes orgias com demônios e sacrificariam crianças recém-nascidas e não batizadas ao diabo. O que parece estar em jogo na forma como a inquisição construiu a representação simbólica da feiticeira, como deu forma a este personagem estético, é a projeção da sombra dos valores e da moralidade cristã no feminino – o que passa, invariavelmente, pela figura materna

associada à mulher nesse contexto⁷. Quer dizer, enquanto a Igreja conformava uma certa representação e controle sobre o corpo, tudo aquilo que era desviante, tudo que dizia respeito à sombra desse desenvolvimento sexual “tradicional”, precisava ser canalizado para uma figura distorcida desta moralidade. A bruxa torna-se, então, a versão mais sombria e sinistra da mãe: mulher de desejo ardente, nunca superou o descontrole de sua atividade libidinal, e pela força da luxúria entrega-se de corpo e alma ao desejo edipiano e à figura fálica do pai-diabo masculinizado; ao mesmo tempo, é figura castradora, capaz de ameaçar os homens com a perda do pênis; a bruxa representa toda a dimensão da sexualidade que não poderia sucumbir ao poder patriarcal.

Este tema é tão recorrente no cinema sobre bruxaria que podemos encontrá-lo em quase todos os períodos que compreenderam o escopo desta pesquisa: desde Jeniffer (personagem de Veronica Lake), de *I married a witch* (direção de René Clair, 1942), que utiliza-se de sua sensualidade para conquistar Wallace Wooley (personagem de Fredric March) e vingar-se de sua família, até produções mais recentes e que tratam o tema de maneira mais sutil, como *Hagazussa: A Heathen's Curse* (Direção de Lukas Feigelfeld, 2017). O exemplo mais notável, porém, talvez seja a comédia *Elvira: mistress of the dark* (Direção de James Signorelli, 1988): nele, a personagem de Cassandra Peterson é a bruxa que dá nome à película e cuja sexualidade está em primeiro plano na narrativa, chamando atenção de todos os habitantes da pequena cidade de Fallwell, Massachusetts. A relação é tão explícita, que a grande antagonista de Elvira (com exceção de seu tio-avô) é a personagem de Edie McClurg, Chastity Pariah – traduzido, literalmente, como Castidade e Pária. É a sexualidade de Elvira, assim como das bruxas históricas de maneira generalizada, que corrompe e

⁷ Sobre isso, ver Carlos Byington (1991).



coloca em risco a moralidade, a castidade, e a estrutura social na qual se inserem.



Figura 3: Elvira sendo confrontada por Chastity Pariah ao chegar à cidade de Fallwell.

05. Conclusão

Podemos concluir que o repertório simbólico utilizado pelo cinema hollywoodiano para construir narrativas sobre as bruxas recupera tradições há muito consolidadas na história dos contextos euro-americanos e com fortíssimas marcações de gênero. Reconstroem esta personagem mágica a partir dos olhares inquisitoriais que tinham sua expressão máxima no *Malleus maleficarum*, mas não apenas. Esta visão reforça associações das mulheres com temas como uma sexualidade desviante ou com seu papel frente à maternidade – com sentidos específicos aos quais a bruxa é a expressão negativa, a inversão total.

O cinema é capaz de reproduzir estas visões de maneira tão recorrente e com tal força que são precisamente esses elementos que compõem um repertório simbólico das pessoas – talvez de maneira até inconsciente – e são mobilizados em eventos contemporâneos, como no caso de Fabiane de Jesus. O cinema reforçou a ideia da bruxa como aquela que coloca em risco e busca fazer mal às crianças; mesmo que Fabiane não tivesse qualquer ligação, até onde sabemos, com quaisquer formas de bruxaria, sua culpa pôde ser construída a partir dos elementos simbólicos que são amplamente veiculados pelo cinema.

Ressalto que não se trata de estabelecer uma correlação mecânica de

causalidade. O cinema não é responsável pelo que ocorreu com Fabiane de Jesus; porém, certamente ajudou a cristalizar imagem evocada da feiticeira que permitiu construí-la como tal personagem nestes termos.

06. Bibliografia

BYINGTON, Carlos Amadeu B. O martelo das feiticeiras: o *Malleus maleficarum* à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. 06. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991. 528 p. Prefácio de Carlos Byington e tradução de Paulo Fróes.

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de mamã Ganso. In: _____. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Graal, 2011. p. 21-103. Tradução de Sonia Coutinho

DE PLANCY, J. Collin. **Dicionário Infernal: repertório universal**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2019. 944 p. Coedição: Editora UnB e Arquivo Nacional.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p.155-161, 30 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/articulo/view/50263/54376>>. Acesso em: 07 set. 2020.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. 06. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991. 528 p. Prefácio de Carlos Byington e tradução de Paulo Fróes.

ZIKA, Charles. **The appearance of witchcraft: Print and visual culture in sixteenth-century Europe**. Abingdon: Routledge, 2007. 296 p.

07. Filmografia:

ELVIRA: mistress of the dark. Direção de James Signorelli. Los Angeles: NBC Productions, New World Pictures e Panacea Entertainment, 1988. (96 min.), son., color.

HAGAZUSSA. Direção de Lukas Feigelfeld. [S.L.]: Deutsche Film- Und Fernsehakademie Berlin (Dffb), 2017. (102 min.), son., color. Legendado.

HOCUS Pocus. Direção de Kenny Ortega. [S.L.]: Walt Disney Pictures, 1993. (96 min.), son., color.

I married a witch. Direção de René Clair. Hollywood: Rene Clair Productions e Paramount Pictures, 1942. (77 min.), son., P&B. Legendado. Disponível em: <<https://vimeo.com/199402879>>. Acesso em: 08 set. 2020.

ROSEMARY'S baby. Direção de Roman Polanski. [s.l.]: William Castle Productions, 1968. (137 min.), son., P&B.

THE lords of Salem. Direção de Rob Zombie. [s.l.]: Alliance, Automatik Entertainment, Blumhouse Productions, Haunted Movies e Im Global, 2012. (101 min.), son., color.

THE witch. Direção de Robert Eggers. [s.l.]: Universal Pictures, 2015. (92 min.), Mídia digital, son., color. Legendado.

THE witches. Direção de Nicolas Roeg. 1990. Son., color.